

Khomeini multiplica ameaças ...

AS REACÇÕES provocadas pela condenação à morte, pelo ayatollah Khomeiny, do escritor britânico Salman Rushdie multiplicaram-se esta semana um pouco por todo o Mundo, com novas manifestações e outras acções anti e pró-Rushdie, mais ameaças de morte por parte de fundamentalistas, novas proibições da publicação do livro **Versículos Satânicos** e um maior isolamento do Irão (ver também págs. 2C a 4C).

O caso está a atingir proporções cada vez maiores, extravasando já para novos sectores da sociedade. Na Grã-Bretanha, o jornalista Peter Sissons, do Channel Four, foi ameaçado de morte pelos Guardiões da Revolução Islâmica (o grupo que reivindicou o atentado contra o Jumbo da Pan Am que se despenhou em Dezembro na Escócia), **“por ter sido malcriado para com o representante do imã Khomeiny”**, durante uma entrevista com o encarregado de negócios iraniano em Londres antes da partida deste, terça-feira. Sissons, a mulher e três filhos foram colocados sob protecção permanente.

As ameaças de morte começam também a atingir o mundo do espectáculo. Em França, a cantora Veronique Samson anunciou a exclusão da canção “Alá” do seu repertório para concertos públicos, por ter recebido ameaças de morte.

“Alá” faz parte de um LP de Samson posto à venda há três meses, que não tinha provocado até agora qualquer emoção na comunidade muçulmana do país, surgindo assim as ameaças como repercussão do caso Rushdie.

Veronique — que também foi colocada sob protecção policial — continuará porém a interpretar “Alá” na televisão e as emissoras de rádio decidiram continuar a passar a canção.

Para além destes dois novos aspectos do “caso Rushdie”, continuaram esta semana a registar-se novas reacções à posição iraniana, que vão de mais algumas respostas “musculares” até à resignação.

Na terça-feira, Londres rejeitou liminarmente o verdadeiro ultimato feito no mesmo dia pelo Parlamento iraniano, que decidiu o corte total das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha se o Governo da Sra. Thatcher não revisse a sua posição sobre o caso Rushdie no prazo de uma semana.

Por seu turno, o Governo japonês deu instruções discretas às suas companhias de petróleo para reduzirem em um terço as importações do Irão, a partir de Abril. Estas directivas seguem-se a decisões semelhantes tomadas por vários países ocidentais, que nos últimos dias adiaram, diminuíram ou até congelaram as trocas co-

merciais e a cooperação económica com Teerão.

Escritores apoiam Rushdie

Na quinta-feira, cerca de mil escritores e editores — entre os quais alguns muçulmanos — de todo o Mundo publicaram um anúncio em jornais de 16 países, no qual apoiam Rushdie declarando o seu **“envolvimento na publicação de Versículos Satânicos, quer estejam de acordo com o seu conteúdo ou não”**. Nos Estados Unidos, o Presidente Bush afirmou que não seriam permitidos protestos violentos e garantiu que **“se alguém dirigir actos de intimidação ao autor, editores ou distribuidores de Versículos Satânicos será processado até ao máximo de pena possível”**.

Estas declarações foram proferidas depois de grupos de muçulmanos se terem manifestado em Nova Iorque e de um jornal da cidade e de duas livrarias de Berkeley (Califórnia) terem sido alvo de atentados bombistas, aparentemente ligados ao “caso Rushdie”.

O primeiro-ministro francês, Michel Rocard, fez declarações no mesmo sentido, prevenindo que qualquer **“novo incitamento ao assassinato daria azo a acções judiciais”**, enquanto o antigo ministro do interior Charles Pasqua (gaullista) exigia que os manifestantes estrangeiros fossem expul-

sos e os de nacionalidade francesa presos e julgados.

Estas tomadas de posição registaram-se depois de fundamentalistas islâmicos terem organizado domingo, em Paris, uma manifestação durante a qual gritaram palavras de ordem de grande violência, exigindo a morte de Rushdie e louvando Khomeiny.

Os protestos dos muçulmanos levaram o partido de extrema-direita Frente Nacional a exacerbar ao longo da semana a opinião pública, já chocada com as “manifs” dos fundamentalistas. Aludindo à oração feita pelos manifestantes na Praça da República, a FN declarou que, como o Corão proíbe as orações em locais públicos fora de território islâmico, **“deve concluir-se que os muçulmanos consideram a França como o seu próprio território”**.

As acções contra o livro **“blasfemo”** prosseguiram entretanto nos mais variados pontos do Mundo (Índia, Paquistão, Líbano, URSS, Hong-Kong, etc), tendo a embaixada britânica em Karachi sido alvo, domingo, de um atentado que provocou um morto. O lote de países onde o livro está proibido continuou entretanto a aumentar: esta semana, Síria, Nigéria e Líbano baniram também a obra.

José Cardoso
com Ana Navarro Pedro
em Paris
e Maria Teresa Guerreiro
em Londres



Durante o fim-de-semana, em Paris, manifestações fundamentalistas agravaram a situação em torno do caso Rushdie